

Os Invisíveis

de Diego Fortes
(com colaboração de Grace Passô)

Prólogo - final dos personagens do bloco 2 - um prato é quebrado.

Interior de uma sala. Há algumas mesas redondas de toalha branca com abajures no centro. Uma poltrona preta bem escura. Um móvel com bebidas. Ouve-se o barulho constante do vento e do mar. Júlio está sentado na poltrona fumando. Joana entra de robe.

JOANA

- Você está sozinho?

JÚLIO

- Não estamos todos?

JOANA

- Não estamos todos o quê?

JÚLIO

- Sozinhos... No mundo.

JOANA

- Me poupe.

JÚLIO

- O que você quer?

JOANA

- Ela está lá fora?

JÚLIO

- Está. Me esperando.

JOANA

- Você está indo?

JÚLIO

- Estou.

JOANA

- Eu pensei que você iria ficar pelo menos até o fim-de semana acabar.

JÚLIO

- Ela quer ir embora agora.

JOANA

- E você?

JÚLIO

- Eu o quê?

JOANA

- Você quer ir embora?

JÚLIO

- Quero.

JOANA

- Você vai com ela?

JÚLIO

- Claro.

JOANA

- Vai ser assim?

JÚLIO

- Não é assim sempre?

JOANA

- (num crescente) Seu cretino. Você acha que pode me tratar assim? Me dar as costas e ir embora? Você é um filho da puta!

JÚLIO

- Shhh...

JOANA

- Você não vale nada.

JÚLIO

- (sem se exaltar) Nem você.

Pausa.

JOANA

- O que foi que eu fiz?

JÚLIO

- Você sabe o que você fez.

JOANA

- (exaltada) E o que você queria que eu fizesse?

JÚLIO

- Eu não queria que você fizesse nada!

JOANA

- Eu não sou casada com você!

JÚLIO

- Você deixou isso bem claro.

JOANA

- Ela sabe quem você é?

JÚLIO

- Você sabe?

JOANA

- Ninguém te conhece como eu.

JÚLIO

- Eu acredito que ela saiba quem eu sou. Eu é que não sei direito quem é ela.

JOANA

- Isso não te dá medo?

JÚLIO

- Medo? Não. Atiça a minha curiosidade.

JOANA

- Por quê?

JÚLIO

- A atração pelo desconhecido... Como é que você diz?

JOANA

- O gosto pelo exótico.

JÚLIO

- Isso. O gosto pelo exótico.

JOANA

- Ela não é tão diferente assim.

JÚLIO

- Diferente?

JOANA

- Exótica.

JÚLIO

- Tem razão. Ela não é.

JOANA

- Ela é previsível.

JÚLIO

- (ri) Você se surpreenderia...

JOANA

- Que mentira!

JÚLIO

- Eu não vou discutir com você.

Pausa.

JOANA

- Você acha ela mais bonita do que eu?

JÚLIO

- Acho.

JOANA

- Eu não acredito.

JÚLIO

- Eu não dou a mínima.

(pausa)

JOANA

- O que é que eu faço com você, hein?

JÚLIO

- (levanta-se) Despeça-se de mim e volte para a cama.

JOANA

- Se você for embora, você nunca mais vai me ver!

JÚLIO

- Nós dois sabemos que isso não é verdade.

JOANA

- Eu não vou te esperar para sempre!

JÚLIO

- Você nunca esteve me esperando, meu amor.

JOANA

- Não seja cínico.

JÚLIO

- Não seja estúpida!

(pausa)

JOANA

- Você me perdoa?

Ele ri.

JOANA

- Diz que me perdoa. (tenta abraçá-lo)

JÚLIO

- Pára!

JOANA

- Você ainda me ama?

(pausa)

JÚLIO

- (se aproxima lentamente dela) Tchau, Joana. (dá um selinho nela)

Ele sai, ela apanha um prato de uma mesa e o atira contra o chão. O prato se estilhaça. Ela sai. A luz muda.

Sequência 1 - A preparação da festa (bloco 1) - os cacos do prato são recolhidos.

O copeiro entra com um lixo na mão e passa a recolher os cacos como se já soubesse o que se quebrou. A faxineira entra logo em seguida com um pano e um espanador e o ajuda. Dois empregados com uniforme de cozinheiros entram, se acomodam em um dos lados da sala, esticam uma toalha escura para que não haja sujeira sobre a mesa e preparam canapés - cortam ingredientes, preparam patês, montam os aperitivos. O copeiro passa a deixar todas as coisas da sala no seu lugar: os abajures que não estão no centro são colocados milimetricamente no centro, objetos são ajeitados e logo em seguida passa a realizar as etapas do champanhe: ele traz um balde, depois traz o gelo, traz o champanhe em si e, por fim, um paninho que ele enrola na garrafa. Dispõe as taças e os guardanapos. Quando tudo está em ordem, apanha um copo sem os outros verem, serve-se de uma dose de whisky e bebe de um gole só. Limpa o copo e percebe que a faxineira o olha assustada. Assim que os canapés vão ficando prontos, ele vai dispondo as bandejas nas mesas. A faxineira se ocupa de passar o espanador nos móveis e um pano na poltrona escura. Assim que os cozinheiros terminam os últimos canapés, guardam seus instrumentos de trabalho. a faxineira limpa ao redor das duas mesas que eles utilizaram para a preparação dos canapés. Toca uma música e os cozinheiros se olham e passam a dançar na sala. O copeiro acha

graça, a faxineira observa assustada. O copeiro convida a faxineira para dançar, ela recusa sem dizer uma palavra e sai da sala. O copeiro fica sem graça e sai da sala também. Os dois cozinheiros riem, seguem dançando e se beijam. Logo se olham e ela passa a revezar tapas e beijos na cara dele. Ela chora e o abraça. A faxineira volta para buscar um pano que ela deixou na sala. A cozinheira esconde o rosto no ombro do cozinheiro e deixa a sala. Ele resmunga (Que miras, tia?) para a faxineira que está parada olhando para ele. Ele deixa a sala. A faxineira tira do avental um frasco de veneno e permanece um tempo olhando para ele. Volta a olhar ao redor, senta na poltrona, tira os sapatos, massageia os próprios pés, se inclina para trás e fica observando o vidro que ela segura nas mãos. Suspira, levanta, calça os sapatos, se aproxima do lugar das bebidas, abre o vidro e toma um gole direto do bico. Toma um gole d'água logo depois direto da garrafa. Sai da sala com passos lentos e decididos.

Sequência 2 - O início da festa (bloco 2).

Escuro. Ouvem-se passos pela sala. O marido tenta acender um cigarro na penumbra. Os flashes do fósforo iluminam uma mulher nua sentada na poltrona escura. Ele não percebe a sua presença.

JOANA

- É um hábito nojento!

Ele não se assusta com a sua presença.

DANIEL

- Você não vai se aprontar?

JOANA

- Não estou bem assim?

Ele não diz nada, segue fumando.

JOANA

- Olha pra mim.

Ele não olha.

DANIEL

- Eles já vão chegar.

JOANA

- Eu disse para olhar para mim!

DANIEL

- Algum dos empregados viu você assim?

JOANA

- Todos. Ficaram tão excitados que se jogaram ao mar.

DANIEL

- Ah, é?

JOANA

- É.

DANIEL

- Espero que eles saibam nadar, então. São bons empregados.

JOANA

- Você sabe que eu detesto que você fume dentro de casa.

DANIEL

- Você detesta que eu fume.

JOANA

- É um hábito nojento.

DANIEL

- Todos nós temos hábitos nojentos. Este, pelo menos, é solitário.

JOANA

- Não entendi.

DANIEL

- Quis dizer que não afeta a ninguém mais.

JOANA

- Afeta a mim que não gosto que você fume dentro de casa.

DANIEL

- Isto é apenas uma implicância sua.

JOANA

- Para a qual você não dá a mínima.

DANIEL

- Joana, eu estou cansado.

JOANA

- Por quê? Você não fez nada hoje.

DANIEL

- E como você saberia?

JOANA

- O quê?

DANIEL

- Como você saberia que eu não fiz nada? Nós não nos vimos o dia inteiro.

JOANA

- Nós nunca nos vemos.

DANIEL

- "Nós nunca nos vemos"... Nós nos vemos todos os dias.

JOANA

- Todos os dias... (pausa) "Por que será que os anos passam tão depressa e os dias, tão devagar?"

DANIEL

- O quê?

JOANA

- "Por que será que os anos passam tão depressa e os dias, tão devagar?"

DANIEL

- Eu não sei.

JOANA

- Eu li isso num livro.

DANIEL

- Que eu publiquei?

JOANA

- Não. Era um livro bom.

DANIEL

- Joana, o cometa não vai esperar por você.

JOANA

- Ah, o cometa! Tinha me esquecido...

Joana se retira. Daniel passa a acender os abajures. Jackie aparece na porta.

JACKIE

- Olá.

DANIEL

- (desconcertado pela beleza dela) Olá.

JACKIE

- Eu sou a namorada do Júlio.

DANIEL

- Claro. Seja bem-vinda.

JACKIE

- Obrigada.

DANIEL

- Onde ele está?

JACKIE

- Conversando com o homem do barco.

DANIEL

- Ah...

JACKIE

- Você é o Daniel, não é?

DANIEL

- Há alguns anos.

JACKIE

- Perdão?

DANIEL

- Foi uma brincadeira...

JACKIE

- Ah...

DANIEL

- Eu sempre me chamei Daniel.

JACKIE

- Arram.

DANIEL

- Não é como se eu tivesse mudado de nome há alguns anos.

JACKIE

- Entendi.

DANIEL

- Minha mãe me deu este nome.

JACKIE

- É um bonito nome.

DANIEL

- Obrigado... É bíblico.

JACKIE

- É verdade.

DANIEL

- Não que ela fosse religiosa. Também não há nenhum problema com quem é. Você é religiosa?

JACKIE

- Já fui.

DANIEL

- Não é mais?

JACKIE

- Não.

DANIEL

- Que ótimo.

JACKIE

- Prazer. (vai cumprimentá-lo)

DANIEL

- Ah, o prazer é meu. (se atrapalha um pouco no cumprimento) E você deve ser a Ellen.

JACKIE

- Jackie.

DANIEL

- Jackie! Claro.

JACKIE

- Há alguns anos...

DANIEL

- Ah, porque eu falei aquela hora... (ri)

JACKIE

- É.

DANIEL

- Desculpe, eu me confundi. Ellen... Ellen é uma outra pessoa. Estava com esse nome na cabeça. Desculpe.

JACKIE

- Tudo bem.

DANIEL

- Você bebe alguma coisa?

JACKIE

- Vou esperar o Júlio.

Júlio entra.

JÚLIO

- Este homem está incomodando você?

DANIEL

- Júlio, seu filho da puta!

(Vai lhe dar um abraço. Jackie se espanta com a virulência dos homens.)

JÚLIO

- Este imbecil nunca soube ficar calmo perto de uma mulher bonita.

JACKIE

- E você sabe?

JÚLIO

- Nenhum homem sabe. Mas eu disfarço.

DANIEL

- Fizeram boa viagem?

JÚLIO

- Sim.

DANIEL

- Que bom, que bom.

JÚLIO

- Onde está a Joana?

DANIEL

- Se trocando. Aceitam um aperitivo?

JÚLIO

- Por favor.

Daniel vai abrir o champanhe.

DANIEL

- São sempre seis voltinhas, vocês sabiam?

JÚLIO

- Sabia, Daniel. Você sempre diz isso.

JACKIE

- (à parte para Júlio) Quem é Ellen?

JÚLIO

- Ellen?

JACKIE

- O seu amigo me chamou de Ellen.

JÚLIO

- Pois... não sei...

Daniel estoura a rolha da champanhe.

DANIEL

- Querem brindar?

JÚLIO

- A quê?

Joana vem dos quartos.

JOANA

- Aos dois amigos: Daniel e Júlio.

JÚLIO

- Olá, Joana.

JOANA

- Um editor que não consegue vender os livros que o amigo escreve. E um escritor que não consegue escrever livros que vendam.

DANIEL

- Esta é a minha esposa, Jackie.

JACKIE

- Sua esposa é muito bonita.

DANIEL

- Precisa vê-la vestida.

JACKIE

- Seu vestido é muito bonito.

JOANA

- Ouviu, meu bem? Ela gostou do meu vestido.

DANIEL

- Ouvi.

JOANA

- É novo. Como você.

JACKIE

- Eu não acho que eu seja tão nova assim.

JOANA

- Para nós.

JACKIE

- Como?

JOANA

- Você é nova para nós, querida. Nunca vimos você antes. (olha Jackie de cima a baixo) Então, você é a nova namorada do Júlio.

JACKIE

- Prazer. (cumprimentando-a)

JOANA

- O prazer é meu. Seu vestido também é bastante... original.

JACKIE

- Obrigada.

JÚLIO

- Não vai me cumprimentar?

JOANA

- Eu não cumprimentei você?

JÚLIO

- Não.

JOANA

- Pensei que já tivesse... (cumprimenta-o)

JÚLIO

- Você está bem?

JOANA

- Muito bem. Muito bem mesmo. Vocês chegaram aqui sem problemas?

JACKIE

- Um pouco de vento, apenas.

JOANA

- Quanto a isso, ainda não podemos fazer nada.

JACKIE

- Vocês moram aqui?

DANIEL

- Não, meus pais e eu morávamos aqui quando eu era criança. Agora, só usamos a casa nos fins-de-semana.

JÚLIO

- Faz tempo que você não me convida para vir aqui...

JOANA

- (deixando escapar) Do jeito que você enjoa...

JÚLIO

- Do jeito que eu enjo?

JOANA

- Em viagens de barco.

DANIEL

- Eu nunca soube disso.

JACKIE

- Eu também não sabia. Você veio tão bem.

JÚLIO

- Com você, eu não enjo.

DANIEL

- Hum?

JÚLIO

- Mas por que você quis que nós jantássemos numa ilha?

JOANA

- Onde é que está o seu gosto pelo exótico?

JÚLIO

- Gosto pelo exótico?

JOANA

- Você costumava ser mais aventureiro, Júlio.

JACKIE

- Ah, eu acho essas antigas casas à beira-mar tão românticas!

JOANA

- Ela é romântica...

JÚLIO

- Jackie é a pessoa mais romântica que eu conheço.

JOANA

- Não diga! E isso tem funcionado pra você?

JACKIE

- Não entendi a pergunta, mas acho que sim. Não sei se eu saberia viver de outro jeito.

JOANA

- Não, claro que não. É admirável. Realmente é. Mas, na verdade, a pergunta era pra ele.

DANIEL

- Nós estamos aqui por causa do céu. Está prevista para hoje a passagem de um cometa e só é possível observá-lo com um céu limpo como este da ilha.

JACKIE

- Um cometa! Que lindo, eu nunca vi um cometa antes.

JOANA

- Não é uma coisa que não se veja todo dia.

DANIEL

- É algo muito raro.

JÚLIO

- Um cometa, é? Você é cheio de surpresas, Daniel.

JOANA

- As sociedades primitivas consideravam os cometas mensageiros de más notícias...

JÚLIO

- Os romanos avistaram um cometa no dia do assassinato de Júlio César.

JOANA

- Os cometas eram tão associados a desastres e pestes na Idade Média que o próprio Papa excomungou o Cometa Halley.

JACKIE

- Algumas pessoas acreditam que os cometas são apenas um sinal de mudanças.

DANIEL

- Que sejam mudanças boas. Mas se não forem, pelo menos estamos seguros aqui nesta ilha.

JACKIE

- Eu poderia viver aqui. Eu adoro o barulho do mar.

Todos param e ouvem o barulho do mar.

JOANA

- Nós e os fantasmas...

JACKIE

- Fantasmas?

JOANA

- Ninguém alertou você sobre esta casa, minha querida?

DANIEL

- É uma bobagem. Os empregados dizem que a casa é assombrada.

JACKIE

- Assombrada?

DANIEL

- É uma casa muito antiga...

JACKIE

- Alguém já morreu aqui?

JÚLIO

- Jackie...

DANIEL

- Minha mãe.

JACKIE

- Ah, desculpe.

DANIEL

- Já faz muito tempo...

JOANA

- A mãe dele se matou.

DANIEL

- Sim.

JOANA

- Enforcou-se. Nesta sala.

JACKIE

- Nossa! Eu sinto muito. (toca o braço de Daniel, Joana percebe)

DANIEL

- Meu pai a encontrou. Nunca falou sobre isso. Poucos anos depois, morreu também.

JACKIE

- Ele devia amar muito a sua mãe.

DANIEL

- Minha mãe tinha muitos fantasmas.

JOANA

- Pudera, a casa é assombrada!

DANIEL

- (acha graça) Os empregados dizem que, de vez em quando, o vento e o barulho do mar se misturam com sons de gargalhadas.

JÚLIO

- Gargalhadas, você disse?

DANIEL

- É o que contam.

JACKIE

- Você já ouviu alguma coisa?

DANIEL

- Não. Nunca.

JOANA

- Daniel nunca ouviu coisa alguma.

DANIEL

- É... Talvez eu esteja ficando surdo, não sei.

JOANA

- Meu amor, sua audição é perfeita.

DANIEL

- Nem tanto.

JOANA

- Na realidade, as maiores perdas auditivas acontecem entre os ouvidos e o cérebro. E não há cura para este mal. Não adiantam as mais modernas tecnologias sonoras. Apenas um instante de distração, de desapego com o presente para que algo precioso não seja capturado. E essa é a nossa condição.

DANIEL

- (irônico) O que foi que você disse?

JOANA

- Era pra ser engraçado?

DANIEL

- (resignado) Era.

Júlio puxa um cigarro. Joana apanha um cinzeiro em uma das mesas de trás e traz para perto de Júlio.

JOANA

- Será que você tem um para mim?

JÚLIO

- Claro. (ele acende o cigarro dela)

JOANA

- (mudando de assunto) E como está a Ellen? (Pausa. Jackie olha para Júlio, Joana percebe. Cínica.) A não ser que seja um problema, nós falarmos da sua ex...

JÚLIO

- Eu não sei. Não a vejo há muito tempo.

JOANA

- Não pode ser tanto tempo assim. Eu me lembro de você falando dela a menos de três meses.

JÚLIO

- Faz mais tempo do que isso.

JOANA

- Eu não acho que faça.

DANIEL

- Joana...

JÚLIO

- Você está enganada, Joana.

JOANA

- Desculpe. Não achei que falar dela seria um problema.

JÚLIO

- Não é.

JOANA

- Ah, não? E como ela está?

JÚLIO

- Eu já disse.

JOANA

- Você disse que não a via há muito tempo. Não como ela está.

JÚLIO

- Eu não a vejo há muito tempo.

JOANA

- O que pode ou não ser verdade...

DANIEL

- Joana!

JÚLIO

- Por que eu iria mentir?

JOANA

- Eu não sei, Júlio. Por quê?

JÚLIO

- Eu já disse que não sei como ela está. Aliás, o que importa como ela está? Acabou tudo entre nós dois.

JOANA

- Acabou tudo?

JÚLIO

- Acabou. Eu estou com a Jackie agora.

JOANA

- Mas é claro. Não vá pensar que eu me esqueci de você aí, querida.

JACKIE

- Não penso.

DANIEL

- Alguém quer mais champanhe?

JÚLIO

- Eu quero.

JACKIE

- Eu também.

JOANA

- Eu gostaria de mais um pouco. Se houver sobrado alguma coisa...

Daniel serve os demais. Faz-se um silêncio incômodo.

DANIEL

- Poderíamos falar de alguma coisa.

JOANA

- O quê?

DANIEL

- Conversar. Usarmos nossas bocas para outra coisa que não apenas beber.

JÚLIO

- Do que você quer falar, Daniel?

DANIEL

- Talvez... do amor.

Ninguém fala nada.

DANIEL

- E como está o livro novo?

JOANA

- Que excelente pergunta!

JÚLIO

- Está indo bem...

JOANA

- E é sobre o quê?

JÚLIO

- Ainda não sei ao certo, mas eu queria que ele falasse sobre o vazio.

JOANA

- Fácil. Escreva um livro em branco.

JÚLIO

- Um livro em branco pode ser preenchido. Na minha opinião, o vazio é melhor representado pela falsa sensação de completude.

JOANA

- É baseado em fatos reais?

JÚLIO

- Defina fatos reais.

JACKIE

- Eu acho que eu nunca poderia escrever como profissão.

JOANA

- É preciso muita imaginação.

DANIEL

- É verdade...

JÚLIO

- Talvez a maior dificuldade desta profissão é que seja impossível mecanizar.

JOANA

- Ao contrário de um casamento.

Eles riem, Jackie permanece séria.

DANIEL

- Onde qualquer imaginação pode ser perigosa...

Eles voltam a rir.

JACKIE

- Você realmente acha isso?

DANIEL

- Não, foi apenas uma brincadeira.

Há uma troca de olhares entre Daniel e Joana.

JACKIE

- Eu acho que os sentimentos estão voltando à moda.

JÚLIO

- É uma visão otimista.

DANIEL

- Os sentimentos talvez. Não as ações. O que para nós é muito bom - vendem-se mais livros. É sempre mais confortável ler sobre grandes sentimentos do que vivê-los.

JACKIE

- Desculpe atrapalhar, mas eu preciso ir ao banheiro.

DANIEL

- Claro. Eu já aproveito e te mostro o resto da casa.

JACKIE

- Obrigada, seria ótimo.

Ele saem. Júlio e Joana permanecem quietos. Eles se olham. Joana rompe o silêncio.

JOANA

- Você é inacreditável...

Ele ri.

JÚLIO

- Eu?

JOANA

- Você.

JÚLIO

- Você preferia que eu viesse sozinho? Hein?

Ela não diz nada.

JÚLIO

- E se eu viesse sozinho?

JOANA

- Eu não sei o que você quer que eu diga.

JÚLIO

- Mudaria alguma coisa?

JOANA

- Eu poderia imaginar que você tem alguma consideração por mim.

JÚLIO

- Consideração? Você tem certeza que é essa a palavra que você quer usar? Consideração?

JOANA

- Eu não quero falar disso, chega!

JÚLIO

- Bom, você começou, nós podemos ir até o fim se você quiser.

JOANA

- Chega, Júlio! Não tem graça.

JÚLIO

- Ah, agora não quer mais falar?

JOANA

- Não.

JÚLIO

- Vai ser assim?

JOANA

- Não é assim sempre?

(pausa)

- Até quando vai ser assim?

JOANA

- Eu não tenho uma resposta para você.

JÚLIO

- Não, você só tem perguntas. Você é inacreditável!

JOANA

- O que eu queria era encontrar com você sem ninguém.

JÚLIO

- Sem ninguém é impossível.

JOANA

- Você espera demais de mim.

JÚLIO

- Não precisa dizer mais nada.

JOANA

- Júlio...

Ela tenta se aproximar dele.

JÚLIO

- Não.

(pausa)

JOANA

- O que é que você quer, hein?

JÚLIO

- Eu quero poder te olhar por mais de três segundos, eu quero poder te tocar quando eu quiser, poder te tocar como eu quiser e que você me toque também e te levar para assistir filmes bons e assistir filmes horrorosos, mas adorar porque é uma coisa que nós estamos fazendo juntos sem medo e te ver dormir sem ficar olhando para o relógio e ter que te acordar para você não perder a hora e ter que dar explicações desagradáveis - apesar da sua natureza ser cínica e inventar essas explicações talvez nem te custasse tanto.

JOANA

- Eu não sou a única.

JÚLIO

- Não, não é. E daí?

Pausa, eles ficam se olhando por um tempo.

JOANA

- Eu vou ver onde eles estão.

JÚLIO

- É melhor...

Sequência 3 - Hamlet e a faxineira (bloco 3).

BÓRIS

- Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz? Ou pegar em armas contra o mar de angústias – e combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir; só isso. E com o sono – dizem – extinguir dores do coração e as mil mazelas naturais a que a carne é sujeita; eis uma consumação ardentemente desejável. Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o problema! Os sonhos que virão no sono da morte quando tivermos escapado ao tumulto da vida nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão que dá à desventura uma vida tão longa. Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, a afronta do opressor, o desdém do orgulhoso, as pontadas do amor humilhado, as delongas da lei, a prepotência do mando, e o achincalhe que o mérito paciente recebe dos inúteis, podendo, ele próprio, encontrar seu repouso com um simples punhal? Ou um frasco de veneno? Quem aguentaria os fardos, gemendo e suando numa vida servil, senão, porque o terror de alguma coisa após a morte – o país não descoberto, de cujos confins jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade, nos faz preferir e suportar os males que já temos, a fugirmos pra outros que desconhecemos? Assim, a consciência nos faz todos covardes. E assim, a força natural de uma decisão se transforma em pálido e doente pensamento. E empreitadas de essência e ímpeto muito refletidas desviam seu curso... e perdem o nome de ação. Mas calma, agora. A bela Ofélia! Ninfa, em tuas orações sejam lembrados todos os meus pecados. Não! Eu não pediria tanto... Apenas os mais banais. Olá.

Ela não diz nada.

BÓRIS

- Olá, você fala a minha língua?

FAXINEIRA

- Falo.

BÓRIS

- Estou atrapalhando?

FAXINEIRA

- Atrapalhando o quê?

BÓRIS

- Você veio limpar?

FAXINEIRA

- Não sei.

BÓRIS

- Que pena, este lugar precisa de uma faxina. Tem muitas garrafas vazias pela casa.

FAXINEIRA

- Você quer que eu limpe?

BÓRIS

- Você faz isso muito bem.

FAXINEIRA

- Como você sabe?

BÓRIS

- Eu já te vi na casa.

FAXINEIRA

- Eu nunca vi o senhor.

BÓRIS

- Você já viu o vento?

FAXINEIRA

- Não...

BÓRIS

- Mas você já viu uma porta bater, o mar encrespar, as folhas balançarem.

FAXINEIRA

- Você diz coisas bonitas.

BÓRIS

- Eu sou Hamlet!

FAXINEIRA

- Hamlet é um personagem de ficção.

BÓRIS

- Não se engane, querida. Todos somos.

FAXINEIRA

- ...

BÓRIS

- Eu me chamo Bóris, eu sou ator.

FAXINEIRA

- Ah...

BÓRIS

- Seja bem-vinda!

FAXINEIRA

- Obrigada... (pausa) Posso fazer uma pergunta?

BÓRIS

- Há uma grande liberdade na sua situação, faça o que você quiser.

FAXINEIRA

- Como foi que você...

BÓRIS

- ...que eu cheguei aqui? Da mesma forma que você.

FAXINEIRA

- Como você sabe?

BÓRIS

- Eu vejo tudo. Ou quase tudo...

FAXINEIRA

- E como foi...?

BÓRIS

- Ah, aí é que está. Eu não sei. Eu estava apresentando Hamlet, fui ao camarim e abri uma champanhe que me aguardava com flores do meu amado.

Ela arregala os olhos.

BÓRIS

- Tomei um gole do champanhe e caí no sono. Um champanhe muito bom.(suspira) E você?

FAXINEIRA

- Eu, o quê?

BÓRIS

- Como veio parar aqui?

FAXINEIRA

- Vim trabalhar. Deixar tudo pronto para o jantar.

BÓRIS

- Astúcia não é o seu forte, minha querida.

FAXINEIRA

- Como assim?

BÓRIS

- Eu quero saber como é que chegamos a nos encontrar?

FAXINEIRA

- Eu não sei.

BÓRIS

- Como não sabe?

FAXINEIRA

- Eu não sei. Na verdade, nunca havia me passado pela cabeça a ideia de acabar com a minha vida. Mas esta casa, o som do vento, a majestade das nuvens em procissão no céu estrelado, não sei... Minha mente foi invadida por pensamentos inusitados. Eu imagino que a mesma coisa deva acontecer com outras pessoas, mas lhes falta a oportunidade imediata.

BÓRIS

- E o resto?

FAXINEIRA

- Que resto?

BÓRIS

- A vida, as pessoas, as paixões.

FAXINEIRA

- Já pensei muito sobre isto, mas nunca aconteceu comigo.

BÓRIS

- Isto é muito triste.

FAXINEIRA

- Você acha? A mim, nunca me fez falta... Não sei, às vezes eu sentia um certo vazio. Geralmente perto de casais. Os cozinheiros...

BÓRIS

- Os cozinheiros? (ele ri)

BÓRIS

- Qual é a graça?

BÓRIS

- (fala incompreensivelmente) São irmãos...

BÓRIS

- O quê?

BÓRIS

- Eles são irmãos!

BÓRIS

- Isso é uma brincadeira?

BÓRIS

- Não. (segue rindo) É a coisa mais estranha!

BÓRIS

- Mas eu vi...

BÓRIS

- O que foi que você viu?

BÓRIS

- Os dois...

BÓRIS

- (sério) Foi assim que o Titanic afundou.

FAXINEIRA

- Titanic?

BÓRIS

- As coisas são iguais a um iceberg, tem um pedacinho por fora e o mostra, com todo o resto do seu volume bem para lá do limite da nossa visão. Você viu um pedaço. Nós **sempre vemos apenas um pedaço**. Talvez você veja mais coisas a partir de agora.

Sequência 4 - Os irmãos (bloco 1).

MARIA

- Tienes muy mal aspecto.

JAVIER

- Ya lo sé.

MARIA

- Al menos, te has duchado?

JAVIER

- No.

MARIA

- No?

JAVIER

- No tuve ganas.

MARIA

- Cerdo! Y por que no?

JAVIER

- Quería quedarme con tu olor por más tiempo. Te pareces repugnante?

MARIA

- No, me parece atractivo.

(pausa)

JAVIER

- Tu tienes los ojos de mamá.

MARIA

- Que cosa rara para decir!

JAVIER

- Perdón.

MARIA

- Echas de menos nuestra casa?

JAVIER

- No. Y tu?

MARIA

- A veces...

JAVIER

- Como puedes decir esto? Parece que no te acuerdas...

MARIA

- Sí que me acuerdo! Echo de menos algunas cosas solamente. No todo, por supuesto.

JAVIER

- Qué?

MARIA

- Mamá. Tu no?

JAVIER

- Estás arrepentida?

MARIA

- No es esto de que te estoy hablando.

JAVIER

- Hicimos una escoja.

MARIA

- Sí, ya lo sé. Pero a mi, me duele saber que nunca más voy a volver a verla.

JAVIER

- Todo en la vida tiene su precio.

MARIA

- Ya lo sé...

JAVIER

- Nunca te abandonaré, eres parte de mi.

MARIA

- Eres un asqueroso. (dá um tapa na cara dele)

JAVIER

- Por que te gusta tanto golpearme?

MARIA

- Solo para compartir el dolor contigo. Te molesta?

JAVIER

- Me gusta todo lo que viene de ti.

MARIA

- Tengo miedo.

JAVIER

- Yo también.

MARIA

- No me entiendes. Tengo miedo del dolor.

JAVIER

- Todos tenemos, cariño.

MARIA

- No, pero es de que un día me falte.

JAVIER

- Que te falte qué?

MARIA

- El dolor.

JAVIER

- No te entiendo.

MARIA

- No sabría más vivir sin él. No puedo seguir sin dolor. Con los años, me he acostumbrado a él y ahora me siento dependiente - como una viciada. (olha nos olhos dele) Nunca de alejes de mí.

JAVIER

- No.

MARIA

- Te necesito.

JAVIER

- Y yo a ti.

Sequência 5 - Os fantasmas. As histórias das mortes (bloco 3).

BÓRIS

- (fala incompreensivelmente) São irmãos...

BÓRIS

- O quê?

BÓRIS

- Eles são irmãos!

BÓRIS

- Isso é uma brincadeira?

BÓRIS

- Não. (segue rindo) É a coisa mais estranha!

FAXINEIRA

- Eu não entendo.

BÓRIS

- Não cabe a você entender.

BÓRIS

- Ainda não descobri de onde ele vêm, mas eu sei que eles fugiram pra ficarem juntos. É essa a paixão que você queria?

FAXINEIRA

- Eu nunca disse isso.

BÓRIS

- Irmãos, consegue acreditar?

FAXINEIRA

- Eu nunca imaginaria.

BÓRIS

- Pois é, a gente morre e não vê tudo.

FAXINEIRA

- Mas como?

BÓRIS

- Como o quê?

FAXINEIRA

- Como eles conseguem?

BÓRIS

- Não deve ser fácil, mas ao mesmo tempo, o que é? Alguém poderia se perguntar sobre você.

FAXINEIRA

- Sobre mim?

BÓRIS

- Sobre você, eu mesmo não entendo.

FAXINEIRA

- É diferente.

BÓRIS

- Bom, eu não sei porque as pessoas fazem o que elas fazem.

Ele apanha uma garrafa de uísque, serve num copo e passa a beber.

BÓRIS

- Quer?

FAXINEIRA

- Não, obrigada.

BÓRIS

- Muito cedo?

FAXINEIRA

- Eu não bebo.

BÓRIS

- Como não bebe?

FAXINEIRA

- Eu não bebo.

BÓRIS

- Nunca?

FAXINEIRA

- Nunca.

BÓRIS

- Pois deveria. (bebe)

FAXINEIRA

- Por quê?

BÓRIS

- Não tem muita coisa pra se fazer por aqui.

Elizabeth entra bêbada e olha para a faxineira.

ELIZABETE

- E essa aí quem é?

A faxineira passa a observar e reconhecer Elizabeth.

BÓRIS

- Essa é a... você nunca me disse o seu nome.

ELIZABETE

- Por que está me olhando desse jeito?

FAXINEIRA

- Dona Elizabeth?

ELIZABETE

- Você me conhece?

FAXINEIRA

- Tem muitos retratos seus pela casa.

BÓRIS

- Ela trabalha para o Daniel.

FAXINEIRA

- Trabalhava.

BÓRIS

- Sim, sim. Viu só? Não demorou nada para que ela se acostumasse com a nova situação.

ELIZABETE

- Pois bem, alguém te matou?

FAXINEIRA

- Eu. Eu mesmo me matei. Como a senhora.

ELIZABETE

- Eu morri num acidente.

FAXINEIRA

- Me disseram que a senhora se enforcou.

ELIZABETE

- Pois então, eu vou te contar uma história. Era uma vez, uma mulher que vivia numa ilha com seu marido e filho. Um belo dia, sem nenhuma suspeita anterior, o marido chega em casa e diz que irá abandoná-la. Que conheceu outra pessoa, que está apaixonado. Tudo entre nós acabou.

BÓRIS

- Você já contou essa história umas trezentas vezes...

ELIZABETE

- Ela não ouviu! Onde eu estava?

FAXINEIRA

- Seu marido havia ido embora...

ELIZABETE

- Exato. Segui os dias, as semanas e os meses com o pensamento voltando uma e outra vez à noite de nossa discussão. Não por tentar entender os meandros do conflito, mas por haver sido o último momento que havíamos passado juntos. Sua ausência latejava pelos cômodos da casa. Passei por diversos estados emocionais até minha mágoa se transformar - sem que eu desse por mim - em raiva e instinto de vingança. E foi então que eu resolvi lhe dar uma amostra do sofrimento que ele me infligiu. À esta altura, já me sentia morta, porém meu coração ainda pulsava inutilmente. Como alguém que se deita na cama, mas não consegue adormecer. Queria que ele soubesse disso. Queria que me visse morta e que sentisse dor.

FAXINEIRA

- Foi quando a senhora se enforcou.

ELIZABETE

- Bom, o que eu queria era apenas simular um suicídio, não me matar de verdade. Mas... - e eu fiquei sabendo disso depois - aparentemente, eu não fiz o nó da forca falsa direito. Uma coisa horrível. Me urinei inteira. Não recomendo. Você não fez a mesma coisa, espero.

FAXINEIRA

- Não...

ELIZABETE

- E como foi?

BÓRIS

- Você é tão mórbida, Elizabete.

FAXINEIRA

- Eu achei um vidro de veneno atrás do armário de um dos quartos.

ELIZABETE

- Aqui na casa?

FAXINEIRA

- Eu achei que vocês vissem tudo.

BÓRIS

- Quase tudo.

ELIZABETE

- (desconversando) Alguém viu o Capitão hoje?

FAXINEIRA

- Capitão?

BÓRIS

- Você disse que achou o frasco de veneno dentro da casa?

FAXINEIRA

- Num dos quartos.

BÓRIS

- Em qual dos quartos você achou o vidro?

ELIZABETE

- Que importância isso tem? Faz tempo que eu não vejo o capitão...

Entra o capitão. Em silêncio. Segurando uma garrafa de rum.

ELIZABETE

- Capitão! O senhor não morre mais!

CAPITÃO

- Elizabete. Bóris. Moça.

ELIZABETE

- Ela acabou de chegar.

O capitão toma um gole de rum.

FAXINEIRA

- O senhor também bebe...

ELIZABETE

- Ela não bebe?

BÓRIS

- Diz ela que não.

ELIZABETE

- E por que não?

FAXINEIRA

- Vocês vivem por aqui?

BÓRIS

- É uma maneira de entender.

FAXINEIRA

- Vocês nunca saem daqui?

BÓRIS

- Nunca.

FAXINEIRA

- Por quê?

BÓRIS

- Olhe em volta: a casa está cercada de água e não sabemos nadar.

ELIZABETE

- Fosse eu você, começaria a beber.

BÓRIS

- Foi o que eu disse para ela.

FAXINEIRA

- Eu não bebo.

ELIZABETE

- E por que não?

FAXINEIRA

- Eu não gosto do gosto.

BÓRIS

- Ninguém gosta, meu amor. Não é pelo gosto que se bebe.

ELIZABETE

- Não. Existem vários outros motivos, mas, principalmente, para se esquecer de si mesmo por um instante. Há que se aproveitar cada brecha para escapar, sabe? Uma hora vai acontecer alguma coisa que te impeça de ter alegria. E acredite, vai acontecer. A vida vem para todos, portanto se agarre a todo momento que você puder se esquecer da vida. E é por isso que eu te digo: beba. É melhor queimar do que congelar.

FAXINEIRA

- Vocês parecem tão cansados.

ELIZABETE

- Ela ainda não sabe?

FAXINEIRA

- Não sei o quê?

BÓRIS

- Escute o que eu vou te dizer. A partir de hoje, você não dorme mais.

Pausa. Elizabete sai. O capitão a segue.

FAXINEIRA

- Vocês não dormem?

BÓRIS

- Você vai perceber que o tempo é algo muito relativo. (pausa) Tem seu lado bom - você não vai envelhecer mais.

FAXINEIRA

- Mas e os sonhos?

BÓRIS

- Sonhos?

FAXINEIRA

- Vocês não sonham?

BÓRIS

- Por que a preocupação? De que valem os sonhos para quem não tem necessidade de paixões?

Ele sai. Ela permanece parada.

Intermezzo - A passagem do cometa (bloco 2).

Uma janela à esquerda do palco está aberta. As luzes estão apagadas. Tal qual a luz de um farol que vem de fora, a luz passa sistematicamente pela sala. Jackie deve aparecer sozinha, a princípio e logo os outros personagens surgem na cena. Joana e Daniel estão bem afastados, enquanto Júlio e Jackie estão próximos, mas não se tocam. Vez ou outra Joana e Júlio se entreolham.

JACKIE

Uma vez, eu fiquei acordada a noite inteira para ver um cometa. Eu não sei se eu olhei para o lado errado ou se eu dormi, mas eu não vi nada. No dia seguinte, na escola, todas as outras crianças tinham visto, menos eu. Então, eu menti.

JOANA

- Você tem certeza que era hoje?

DANIEL

- Tenho. É preciso um pouco de paciência apenas.

JÚLIO

- Nós estamos olhando para o céu a noite toda e até agora nada.

DANIEL

- Calma, o cometa deve estar próximo.

JACKIE

- Eu não queria ter aquilo. Ou pegar. Guardar numa caixinha... Eu só queria ver. (pausa) É aquele o cometa?

DANIEL

- É. É ele mesmo.

Eles olham para o céu. Joana e Daniel que estavam afastados, se aproximam a cada passagem da luz. Jackie envolve o pescoço de Júlio por trás. Eles permanecem desta maneira, enquanto Daniel e Joana começam a se abraçar e lentamente a trocar carinhos e a

se beijarem na frente dos convidados. Júlio olha para aquilo incomodado. Jackie segue olhando para o céu. O casal aumenta a intensidade dos beijos, Daniel interrompe por um instante.

DANIEL

- Crianças, se vocês nos permitem, nós vamos nos retirar.

JÚLIO

- Já vão dormir? É cedo...

DANIEL

- (rindo) A Joana está muito cansada. (ela também ri)

JACKIE

- Obrigado por nos convidar, Daniel. Boa noite, Joana.

JOANA

- Boa noite, Jackie.

Antes de saírem, Joana ainda lança para Júlio um olhar de confusão e culpa, mas segue para dentro com o marido, rindo contidamente.

Sequência 6 - O fim da festa. O casal se recolhe, o outro permanece na sala (bloco 2).

Jackie e Júlio permanecem sozinhos na sala. Júlio acende outro cigarro. Jackie para de frente para Júlio, arranca o cigarro da sua boca, fuma e solta a fumaça lentamente. Júlio estranha, tenta reaver o cigarro da mão dela, ela não deixa. Ela vai até o cinzeiro e apaga.

JÚLIO

- O que você está fazendo?

Ela tira os sapatos, puxa o braço dele com violência e o senta na poltrona. Puxa a saia para cima e senta em seu colo virada de frente.

JÚLIO

- Jackie, o que você está fazendo?

JACKIE

- Quer que eu desenhe?

JÚLIO

- Eles podem voltar.

JACKIE

- Eles foram para o quarto deles fazer a mesma coisa. Não devem voltar tão cedo.

Ela beija o pescoço dele e ele permanece incomodado. Ela abre a sua braguilha e o abraça com força. Ele finalmente cede e os dois se beijam.

JACKIE

- Ah, Júlio. Eu sou tão apaixonada por você!

Ele ri, constrangido.

JACKIE

- Você ri...

JÚLIO

- Desculpe, eu não queria...

JACKIE

- Tudo bem. Eu não ligo. Não é vergonha nenhuma estar apaixonada. (ele desvia o olhar) Olha para mim!

JÚLIO

- Eu estou olhando.

JACKIE

- Me ouve. Isso é sério.

JÚLIO

- Isso o quê?

JACKIE

- Meu amor... (ele sorri para ela) Por que você me humilha?

JÚLIO

- (se assusta) O quê?

JACKIE

- (segue fazendo carinho nele) Te dá prazer me humilhar?

JÚLIO

- Jackie...

JACKIE

- Eu não entendo porquê.

JÚLIO

- Eu acho que você bebeu demais...

JACKIE

- Não... Não bebi. A mulher do seu amigo, Júlio. Você não tem vergonha? (beija o pescoço dele)

JÚLIO

- Você está imaginando coisas...

JACKIE

- Me explica, por quê?

JÚLIO

- Por que o quê?

JACKIE

- Por que me trouxe aqui se o que você queria era ver a Joana.

JÚLIO

- Eu não queria ver a Joana.

JACKIE

- Você queria mostrar a sua namorada nova para ela?

JÚLIO

- Não...

JACKIE

- Você traz todas as suas namoradas para ela conhecer?

JÚLIO

- Eu não sei o que você quer que eu diga.

JACKIE

- Diz que sente vergonha.

Pausa. Ele muda o tom.

JÚLIO

- Eu sinto muito...

JACKIE

- Diz que eu não mereço isso.

JÚLIO

- Você é tão linda...

JACKIE

- Diz que você não me merece.

JÚLIO

- Eu não mereço você.

JACKIE

- Diga que você me ama.

JÚLIO

- Eu te amo.

JACKIE

- Você quer casar comigo?

JÚLIO

- O quê?

JACKIE

- Diz que você quer casar comigo. Ter filhos comigo.

JÚLIO

- Eu quero...

JACKIE

- Ser fiel a mim. Me abraçar todas as noites.

JÚLIO

- Sim. (os dois se abraçam em desespero)

JACKIE

- Para que eu não sinta medo.

JÚLIO

- Todas as noite.

JACKIE

- Nunca sair de perto de mim.

JÚLIO

- Nunca vou sair de perto de você.

JACKIE

- Para que eu não sinta medo.

JÚLIO

- Eu vou te abraçar.

JACKIE

- E nunca sair de perto de mim.

JÚLIO

- Todas as noites.

JACKIE

- Me abraçar.

JÚLIO

- Te abraçar.

JACKIE

- E ser fiel a mim.

JÚLIO

- Ser fiel a você.

(pausa)

JACKIE

- Só a mim... (pausa) Vamos embora daqui, Júlio. Me leva embora.

JÚLIO

- Vamos.

JACKIE

- Vamos para casa.

JÚLIO

- Sim.

JACKIE

- Eu vou chamar o barqueiro. (ela se levanta) Estou te esperando. (sai)

Júlio permanece sozinho em cena. Elizabete entra e Júlio repete as falas do Prólogo sem as réplicas da personagem de Joana.

JÚLIO

- Não estamos todos?

- Sozinhos... No mundo.

- O que você quer?

- Está. Me esperando.

- Estou.

- Ela quer ir embora agora.

- Eu o quê?

- Quero.

- Claro.

- Não é assim sempre?

- Shhh...
- Nem você.
- Você sabe o que você fez.

Sequência 7 - Os fantasmas 2, segredos são revelados (bloco 3)

ELIZABETE

- Talvez fosse melhor para todos que nós não falássemos mais disso.

BÓRIS

- Melhor em que sentido?

ELIZABETE

- Melhor, apenas.

BÓRIS

- E se alguém estiver conspirando com alguém dentro da casa?

ELIZABETE

- Só saberemos depois, não há nada o que nós possamos fazer, de qualquer forma.

BÓRIS

- Se você pensa assim...

ELIZABETE

- Eu penso. (muda de assunto) Onde anda o Capitão?

BÓRIS

- Você tem perguntado bastante sobre o Capitão...

ELIZABETE

- Nunca sei onde está...

BÓRIS

- Mas gostaria.

ELIZABETE

- Gostaria do quê?

BÓRIS

- De saber onde ele está a todo momento.

ELIZABETE

- Não sei de onde você tirou esta ideia.

BÓRIS

- Ah, seria perfeito! Eu não deveria estar falando destas coisas para você, mas eu já o ouvi falando de você.

ELIZABETE

- Falando de mim?

BÓRIS

- Sim, dizendo seu nome, sofrendo, vagando ao léu como um pião.

ELIZABETE

- Isso não significa nada, ele está sempre bêbado!

BÓRIS

- Todos nós estamos. A bebida não nos faz mentirosos, é o oposto disso. Ele não diz muito, mas quando fala parece um cão uivando para a Lua.

ELIZABETE

- Eu não sei como você espera que eu reaja.

BÓRIS

- (com ênfase) Reaja como se tivesse havido um milagre. Duas pessoas que se encontram depois de mortas - isso é lindo!

ELIZABETE

- Não seja bobo. É muito tarde.

BÓRIS

- Tarde?

ELIZABETE

- Eu estou velha. Cansada. Eu sempre ouvi que os anos passam rapidamente e você envelhece sem perceber. Não foi assim comigo. O peso dos anos foi aumentando e eu fui percebendo o que acontecia comigo a cada dia. Ia ficando mais e mais cansada, mais e mais arrependida, mais e mais velha. Não há nada a ser feito.

Entra o Capitão.

BÓRIS

- Capitão!

CAPITÃO

- Elizabete. Bóris.

BÓRIS

- O senhor pode me ajudar a resolver um assunto, Capitão.

ELIZABETE

- Bóris, não ouse!

BÓRIS

- Eu estava falando para a Elizabete das coisas bonitas que o senhor diz sobre ela, mas infelizmente, ela não quer acreditar em mim.

ELIZABETE

- Bóris!

BÓRIS

- Diga para ela, Capitão, se eu estou mentindo.

ELIZABETE

- Bóris!

BÓRIS

- Como o senhor acha a Elizabete uma mulher especial.

ELIZABETE

- Capitão, realmente não é necessário!

CAPITÃO

- É verdade. (pausa) Eu sempre vi esta ilha do meu barco e imaginava quem moraria aqui. Quando eu cheguei, a senhora me trouxe uma sensação profunda. Um medo, talvez. Nunca na minha vida conheci alguém como a senhora. Desculpe.

Entra a faxineira.

ELIZABETE

- O senhor não sabe o que diz. Se isso é verdade, quero que o senhor saiba que eu não presto. Eu sou um desperdício de consciência. Se é que eu tenho alguma. Meu coração é negro e doente. E se o senhor gosta de mim, eu lhe digo que eu lhe desprezo e prometo desprezar cada gesto desta sensação profunda que o senhor alega sentir.

BÓRIS

- Elizabete!

ELIZABETE

- O quê?

O capitão sai.

BÓRIS

- Por que você fez isso?

ELIZABETE

- Você não sabe com quem está falando.

BÓRIS

- Eu te conheço desde que eu cheguei aqui, você acha que é uma pessoa má, mas não é.

ELIZABETE

- Você não me conhece!

BÓRIS

- Conheço sim e eu quero te salvar.

ELIZABETE

- Me salvar?

BÓRIS

- Deixe de sofrer. Se deixe em paz. Você é boa.

ELIZABETE

- Não sou.

BÓRIS

- Você é, sim.

ELIZABETE

- Você não sabe o que eu fiz...

BÓRIS

- Já não importa mais.

ELIZABETE

- Você é um idiota.

BÓRIS

- Eu sei que isso é só da boca para fora...

ELIZABETE

- Fui eu que te matei!!

(pausa)

- O quê?

ELIZABETE

- Fui eu que pus veneno no champanhe! Idiota, fui eu que mandei o champanhe.

BÓRIS

- Mas o cartão...

ELIZABETE

- O cartão trazia o nome do meu marido! Que você me roubou!

BÓRIS

- Ele nunca me disse que era casado...

ELIZABETE

- Eu sei...

BÓRIS

- Você me matou?

ELIZABETE

- Desculpe...

(pausa)

ELIZABETE

- O que você vai fazer?

BÓRIS

- O que eu vou fazer?

ELIZABETE

- Você quer se vingar de mim?

BÓRIS

- E eu vou fazer o quê? Te matar?

ELIZABETE

- Eu não sei...

BÓRIS

- O que você vai fazer?

ELIZABETE

- Nada. (pausa) O que é que eu posso fazer? (pausa) Agora eu sei como e porquê eu morri, mas não me dá sentido nenhum. Não me leva a querer fazer nada.

ELIZABETE

- Bóris, todos esses anos...

BÓRIS

- Não. Não fale.

Eles permanecem em silêncio.

ELIZABETE

- Você não vai dizer mais nada?
- Amanhã, e amanhã, e amanhã.

ELIZABETE

- O quê?

BÓRIS

- Se arrasta em seu lento passo de um dia a outro dia, até a última sílaba do tempo memorável. E todos os nossos ontens iluminaram o caminho da cinzenta morte aos tolos. Apaga, apaga, chama fugaz! A vida é senão uma sombra passageira, um pobre ator que se pavoneia e se agita durante seu tempo sobre o palco, e depois não é mais ouvido. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando nada.

Ele sai, Elizabete sai, a faxineira permanece sozinha.

Epílogo - O primeiro prato é quebrado. Eugenio e a faxineira (bloco 1).

EUGENIO

- Você não fala muito, não é?

Ela não responde.

- Engraçado... Quer dizer, é engraçado, eu perguntar se você não fala muito e você não falar nada. Mas tudo bem. Eu não me importo. Eu quero dizer, eu não me importo com o fato de você não falar muito. Acho inclusive que se você falasse alguma coisa agora, perderia a graça. Meu pai não falava muito também. Eu já te falei sobre o meu pai? Era pescador. Quer dizer, ele era capitão de um barco de pesca. Sabia que ele morreu nesta ilha?

Ela olha para ele assustada.

- Quer dizer, não nesta ilha. Ele morreu no mar. Faz muitos anos. Quando a Dona Elizabete se enforcou... Naquele dia, no dia em que a Dona Elizabete... faleceu, apagaram a luz do farol. Em sinal de luto, entende? Não queriam que nenhuma luz emanasse da ilha. Apagaram o farol. Deixaram tudo escuro. Foi então que o barco do meu pai se estrçalhou contra as pedras. Ninguém pôde ver coisa alguma. Porque a luz do farol estava apagada, entende? Todos os outros pescadores se salvaram, mas meu pai permaneceu no barco. "O capitão nunca abandona seu navio"... É um ditado... Eu era criança... Como será? Você pensa nessas coisas? Digo, o que será que acontece depois? (pausa) Fico pensando nisso às vezes... como será o outro lado? Eu tenho tantas dúvidas, talvez algumas me fossem respondidas, não sei. Vamos fazer um trato? Nós podemos fazer um trato. O trato é o seguinte: o primeiro de nós que morrer, volta para contar para o outro como é o outro lado, de acordo?

Ela se assusta e acidentalmente quebra um prato no mesmo lugar em que estava o outro.

- Deixa que eu limpo.

Ele sai. Ela:

- De acordo.

Ela sai. Ele volta com um lixo e passa a recolher os pedaços do prato, exatamente como na *Sequência 1*.